

A BARONESA
UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA
EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS
DE

CHARLES ALLINGTON

MULHER: Os personagens

HOMEM: Charles sempre imaginou como os personagens de Conan Doyle se movimentavam no meio do texto com tamanha naturalidade. Eles não parecem bonecos de marionete, bonecos de madeira conduzidos pelos fios do autor.

O autor de Sherlock Holmes mede cada palavra para transparecer naturalidade. Quando escreveu “O problema final”, situou o cenário na Áustria, Holmes e Moriarty – o maior inimigo do detetive inglês –, morrendo os dois ao se atirarem do alto de uma cachoeira.

MULHER: Mas aquele não foi o final. Os leitores de Conan Doyle exigiram uma ressurreição, clamaram pela volta do detetive cujo melhor amigo era o Dr. John Watson. Na verdade, os casos só foram revelados porque Watson os escreveu, Holmes só se tornou conhecido porque alguém tomou pena, tinta e papel e escreveu suas histórias.

A frase do pai de Natália é pronunciada pela baronesa na madrugada fria do comissariado. Sai, por entre as grades, da boca da emissora até adentrar os ouvidos do receptor. Mas por que a baronesa está parada olhando o detetive? Por que Natália troca de lugar com Charles e investiga os mínimos gestos, e parece agora que é Charles quem está por trás das grades, e é Natália quem usa o casaco de lã cinza, quadriculado, o chapéu de feltro verde?

HOMEM: – O que você disse?

Charles retorna a seu lugar.

MULHER: – Eu? Não disse nada, Charles.

MULHER: Mas as palavras agora são outras. Não existe mais senhor nem detetive. Agora é pelo nome próprio que Charles é chamado.

HOMEM: – Você disse a frase do seu pai.

MULHER: – Qual frase?

HOMEM: – Ninguém é o culpado.

MULHER: – E se ninguém for o culpado?

HOMEM: – E se não houver uma pessoa morta?

MULHER: – E se tudo permanecer calmo?

HOMEM: – E se Viktor Schoemberg aparecer a qualquer instante diante do tribunal?

MULHER: O julgamento continua dois dias depois do encontro de Charles e Natália no comissariado. O advogado de acusação está confiante de que hoje haverá uma culpada, que será entregue à corte, e a corte fará justiça.

O juiz entra com toga e chapéu pretos. Todos de pé. O juiz se senta. Todos sentados. A baronesa é trazida ao centro da sala por dois guardas. Ela traja o mesmo vestido de seda preta que usou na ópera Electra, calça as mesmas sandálias douradas que apertam os pés. Um chapéu de plumas negras completa o vestuário.

HOMEM: – Está iniciada a sessão!

MULHER: Brada a voz do juiz de toga preta.

HOMEM: – Chamo ao púlpito o senhor pai da baronesa Natália Schoemberg.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai aparenta cem anos. Aparenta carregar todo o peso do mundo em suas pernas, que se arrastam da plateia até o púlpito. Charles acompanha o movimento do pai de Natália, como se aquele movimento fosse se inscrever na História de Viena, como se ali, na cidade de Viena, pudesse ser forjada, na vida real, o 221b da Baker Street.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): O ilustre advogado de defesa dedilha as notas mais vibrantes, traz à tona as nuances mais brilhantes daquele caso exemplar. Por muito tempo iriam falar do julgamento da baronesa como o maior de todos os séculos, do período de transformações entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando Viena, apesar da crise econômica, política, social que a afligia, descortina uma das fases mais criativas do pensamento europeu.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai de Natália está sentado no trono do púlpito. Gotas de suor frio brotam da testa larga.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Senhor pai da baronesa Natália Schoemberg, é verdade que abriu a porta da casa branca com janelas azuis para a sua filha e o seu genro na madrugada do jantar dos Mahlers?

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai de Natália lembra o juramento feito no início da sessão: A verdade, não mais que a verdade.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Sim, abri a porta para a minha filha...

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): O advogado de defesa aguarda.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – E?

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai de Natália e suas mãos frias.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – ... ela entrou sozinha e foi para o quarto.

MULHER: Natália se levanta pálida no vestido preto. As plumas do chapéu tremem diante das palavras do pai.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Mas seu genro não estava com ela?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): O advogado de defesa não entende mais nada.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): Quando foi contratado para defender a baronesa Natália Schoemberg, o advogado ilustre o fez quase de graça. Gostaria de não ter solicitado nem um centavo, mas precisava pagar os papéis do cartório e os despachantes.

Gostaria de fazer tudo de graça, pois acreditava na inocência de Natália. Acreditava que a história que o pai da baronesa lhe contava era a história original, a verdade prevalecendo no fim de uma batalha inglória.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Eu estava aqui na biblioteca, terminando de organizar meus papéis, quando eles chegaram – disse o pai de Natália quando contratou o advogado ilustre. – Eram umas duas horas da madrugada. Minha filha estava branca como nuvem; meu genro, vermelho feito vinho bom. Cada um subiu para o respectivo quarto, mas eu

sabia que haviam discutido, e muito, na volta do jantar na casa dos Mahlers. Fechei a porta da casa e subi para o meu quarto. Escutei minha filha chorando no quarto ao lado; silêncio no quarto de meu genro. O dia ainda não havia amanhecido quando escutei o barulho de passos na escada, a porta de entrada sendo aberta e, rapidamente, fechada. Era ele, eu tinha certeza.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): O advogado de defesa não entende mais nada, ali, no tribunal. Os olhos do pai de Natália desviam-se do seu olhar, como se devesse ficar em silêncio. Todo o argumento da defesa fora por água abaixo, simplesmente por causa de algo que escapava ao conhecimento do ilustre advogado.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai de Natália abre a porta do quarto e desce rapidamente atrás de Viktor. Ele ainda o alcança na entrada da casa branca com janelas azuis. O sol começa a despontar no horizonte.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – O que foi que houve?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): Viktor vira-se assustado com a mão do sogro em suas costas.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Ahn! É o senhor! Que susto!

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O pai de Natália continua com a mão em suas costas.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Você está indo para onde?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Não posso mais sustentar a situação.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Que situação?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – De Natália. Ela sabe da minha amante.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – De qual delas?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): Viktor ri para o sogro.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – O senhor é muito engraçado.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O sogro permanece sério.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – A única que eu tenho, a segunda soprano do espetáculo.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): Viktor torna-se sério por um instante.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – E o que vai fazer agora? Fugir?

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): Viktor ri da alternativa.

HOMEM (VOZ MAIS JOVEM): – Não! Vou para a casa da amante!

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): O sogro ainda sério. Viktor volta a ficar sério também.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Penso que um homem que depredou a fortuna da esposa e da família com espetáculos de ópera malsucedidos e mantém como amantes a metade das mulheres de Viena e com a outra metade já flertou, penso que, no seu caso, Viktor Schoenberg, esse homem deveria fugir para longe, muito longe, para nunca mais voltar.